

Funk MTG como autorreflexão nostálgica de um passado distorcido¹

Hugo Teixeira Carrião Machado²
Cassiano Lucas dos Santos³
Universidade Federal de Ouro Preto - UFOP

RESUMO

Buscamos explorar as transformações na percepção e recepção do Funk no mercado hegemônico da música brasileira, em especial após a explosão das montagens, ou MTGs, em 2024. Balizados pelas discussões ao redor da nostalgia de André Antônio Barbosa, propomos reflexões sobre as formas com que o movimento é percebido pelas grandes massas, como vem sendo apropriado por novos artistas e quais as tensões provocadas pelas mudanças de recepção dos movimentos de origem periférica.

PALAVRAS-CHAVE: Funk; nostalgia; cultura popular; MTG; música brasileira

INTRODUÇÃO

No dia 31 de julho de 2024 o presidente Lula instituiu a Lei 14.940, de 2024⁴, definindo a data de uma nova comemoração: o Dia do Funk. A escolha é uma homenagem ao Baile da Pesada, que aconteceu no Rio de Janeiro, em 1970. O estado de São Paulo já comemorava o seu Dia do Funk desde 2016, no dia 7 de julho⁵. Pela primeira vez, temos uma data institucionalizada nacionalmente para a celebração desse movimento cultural de 54 anos, e tomaremos esse reconhecimento como cristalização (tardia) de sua relevância histórica, marcando a contemporaneidade como momento de reflexão sobre a longa história do Funk.

Atualmente, um retrato desse legado vem pelas “cabulosas” ladeiras de Belo Horizonte, onde jovens produtores independentes de diversos bairros vêm

¹ Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho (GT21SE - Folkcomunicação e cultura popular), evento integrante da programação do 28º Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 15 a 17 de maio de 2025.

² Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, e-mail: hugo.machado@aluno.ufop.edu.br.

³ Mestrando em Comunicação pelo Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Ouro Preto, e-mail: cassiano.santos@aluno.ufop.edu.br.

⁴ Disponível em:

www12.senado.leg.br/noticias/materias/2024/07/31/lei-institui-12-de-julho-como-o-dia-nacional-do-funk. Acessado em: 10 de agosto de 2024.

⁵ A data foi escolhida como forma de relembrar o dia do assassinato de MC Daleste, grande expoente do Funk Ostentação, um dos relevantes recortes desse gênero durante a década de 2010 (Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo, 2016). Disponível em: <https://www.al.sp.gov.br/norma/?id=179444>. Acessado em: 10 de agosto de 2024.

desenvolvendo há alguns anos uma vertente do Funk que explora e reescreve sua longa história: o Funk MTG. O termo MTG é uma abreviação do termo montagem, prática de produção já antiga, com uma batida hipnótica que situa *samples*⁶ e pontos em uma só ambiência⁷.

Os mesmos elementos sonoros também são identificáveis em composições que tomam hoje alguns dos principais lugares nas paradas musicais de plataformas de streaming. Sua popularização vem a partir de jovens produtores independentes de BH, que incorporaram o termo e o legado das montagens nas suas produções nas últimas décadas. Seguido de recentes sucessos relativos de produtores mineiros como WS da Igrejinha e Gordão do PC, essa vertente conquistou grande sucesso nacional, porém, sua consagração comercial veio por artistas de outros meios.

Um marco para a eclosão do subgênero aconteceu no início do ano de 2024. Dois meses após seu lançamento, a música “MTG QUEM NÃO QUER SOU EU” de DJ TOPO entrou no ranking de músicas mais ouvidas do Spotify em julho de 2024, alcançando a terceira posição de maior número de streams em um dia no mercado brasileiro dos últimos 10 anos⁸. A montagem combina a canção de Seu Jorge (de mesmo nome), de 2011, com “Maldita de EX”, de MC Leozin (2019). Os samples são guiados por uma batida minimalista de Funk com alguns elementos do EDM, que remonta a festas universitárias de Funk.

A distinção é interessante. Na canção, vemos uma referência ao Funk, por meio do sample do sucesso relativamente recente, e pela batida básica. Já os outros elementos retomam à MPB e à música eletrônica mais comercial. Esse foi o MTG de maior sucesso comercial, produzido por um artista que não é mineiro, e que não apresenta elementos marcantes da sonoridade dos morros de BH, mesmo contando com a voz (devidamente creditada) de um cantor mineiro.

⁶ Na produção do Funk, os pontos são recortes vocais isolados de MCs, gravados sem uma música específica, que são armazenados e incorporados em músicas posteriormente.

⁷ Esses traços marcantes são percebidos na música “Montagem Cyclone” do lendário coletivo de Funk do Rio de Janeiro, Furacão 2000, lançada no ano que dá nome ao grupo, evidenciando que o termo e a técnica já têm proeminência no mercado musical brasileiro há pelo menos 24 anos.

⁸ A plataforma coleta dados de consumo de plataformas de streaming como o YouTube e o Spotify e disponibiliza os mesmos de forma organizada em seu site, ferramenta útil para análise das paradas musicais. KWORB. Spotify Daily Chart Totals - Brazil. Disponível em: https://kworb.net/spotify/country/br_daily_totals.html. Acessado em: 10 de agosto de 2024.

As montagens e as MTGs belorizontinas fazem um importante papel de autorreflexão sobre a longa história do Funk, por meio do uso dos samples, que recontextualizam trechos de canções antigas no contexto contemporâneo.

Um traço notável das versões mais comerciais é a omissão da poética discursiva da “putaria”, visto que Funks de BH tendem a explorar letras com sexualidade explícita. Esse também é um fator de apagamento de traços tradicionais em busca de maior sucesso comercial, com maior potencial de monetização em redes sociais (que tendem a restringir e banir conteúdos tomados como “explícitos”). O produtor de um dos exemplos desses remixes apropriadores (Mulú, da “MTG Chihiro”), expressa bem essa limpeza da poética do Funk. Segundo ele:

Acho que o MTG já está sendo uma revolução por trazer de volta a canção para os bailes como na época do funk melody e permitir a galera curtir um funk com letras menos explícitas, como releituras de clássicos da MPB e hits da música pop. (Mulú apud Bronze, 2024).

Artistas de outro meio tomam uma vertente de Funk com mais de 20 anos de história, que tem contemporaneamente uma sonoridade e uma regionalidade marcada em Belo Horizonte como uma oportunidade para se lançarem ao sucesso comercial, e no processo de descaracterizar um movimento do qual não fazem parte, ainda se veem como pioneiros.

Para destacar ainda mais esse contraste, retomamos o pensamento do belo-horizontino DJ Anderson do Paraíso (que produz MTGs desde 2015). Em entrevista, ele destaca sua insatisfação com esse movimento recente:

É meio triste (...) O pessoal faz no Rio há muito tempo, a gente traz para cá e faz também. Aí agora querem mudar o nome? Chega a ser sacanagem. Já tem um nome para o que eles fazem —é remix, que é quando você pega a música pronta e só coloca a sua batida (DJ Anderson do Paraíso apud Brêda, 2024).

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Fundamentalmente, pretendemos compreender esse contraste entre formas distintas de fazer Funk pela ótica da nostalgia. Para isso, levaremos em consideração os estudos de André Antônio Barbosa em seu texto “A potência estética da nostalgia”, publicado na revista Serrote em 2014. Como ele conceitua:

Aquele sentimento que se deve evitar por ser o propulsor de soluções (estéticas ou militantes) fáceis, acrílicas e, em última análise, conservadoras.

(...) Assim, do lado de ‘nostalgia’, podemos encontrar termos como ‘idealização’ e ‘ingenuidade’ (Barbosa, 2014, p. 1).

O fenômeno surge enquanto oposto ao conceito de melancolia, paralelo fundamental para o ensaio. A melancolia seria uma força criativa de resistência, movida pela inconformidade e a nostalgia seria paralisante, imobilizada pela idealização de um passado idealizado na lógica do consumo na sociedade liberal. Na música, vemos figuras relevantes oferecerem seu parecer qualitativo sobre o contexto atual. Em 2019, Milton Nascimento afirma em entrevista à Folha de São Paulo que:

A música brasileira tá uma merda. As letras, então. Meu Deus do céu. Uma porcaria.(...) Não sei se o pessoal ficou mais burro, se não tem vontade (de cantar) sobre amizade ou algo que seja. Só sabem falar de bebida e a namorada que traiu. Ou do namorado que traiu. Sempre traição (Bergamo, 2019).

Essa perspectiva reacionária faz uma espécie de metonímia nostálgica, tomando a parte da qual se desdenha da música atual e assumindo ela como tudo que existe na música hoje. Para além da perspectiva do puritanismo cristão ou da deslegitimação histórica da música periférica, vemos aqui uma recusa a superar o que a autora Simone Pereira de Sá conceitua como a “linha evolutiva da MPB” (2021).⁹

Responsável por tornar cada vez mais nebulosa a memória, a nostalgia se junta ao tempo tal qual uma erva daninha e à medida que distorce as experiências vividas no passado, torna a percepção do presente inversamente proporcional no quesito amargor, fazendo com que o ser nostálgico, na maioria das vezes, sinta repulsa em relação ao produzido no presente, atribuindo essa sensação ao fato de que, graças a suas referências, seu “paladar” ficou mal-acostumado com a produção de qualidade de outrora.

(...) porque a nostalgia é, antes de tudo, uma recusa radical do presente, uma fuga desesperada e uma intuição de que a preciosidade do passado só poderá ser mantida se ele permanecer exatamente o que é: um passado puro, sem se corromper com a ‘mediocridade’ do presente (Barbosa, 2014, p. 2).

Para ele, o nostálgico não pretende tornar o presente uma cópia do passado tão aclamado. Seu desejo é, na verdade, se perder nesse passado ideal como em um sonho, onde, se possível, acordará para a dura realidade do presente.

⁹ Para a autora, a ideia de “música brasileira” como unidade seria valorizada apenas quando próxima a artistas e movimentos consagrados criticamente da MPB, como a Bossa Nova e a Tropicália, ou reverenciado pelos mesmos.

Diversas são as razões para essa percepção do passado tão distorta. Muitas vezes, um conservadorismo em relação a mudanças de gêneros musicais, costumes sociais e a mudança da sociedade como um todo é o principal fator para disparar a saudade imensurável dos tempos vividos. Na verdade, muitas vezes esse sentimento é atribuído até a momentos não vividos. Essa é uma das mais fascinantes peculiaridades da nostalgia.

Além de uma comparação injusta entre gêneros musicais, a proposta de cada artista nunca é levada em consideração ao colocar lado a lado duas obras que, além de toda a diferença estética, possuem públicos, discursos e valores diferentes entre si. A forma como cada movimento busca se comunicar com seu público é determinante para compreendê-lo.¹⁰

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sob a ótica da nostalgia e suas conceituações exploradas, pensamos em perspectivas distintas sobre o entendimento do Funk em seu momento contemporâneo. Por exemplo, temos aquelas pessoas que cresceram envolvidas afetivamente com o movimento e que fazem parte dele na atualidade, reconfigurando a história e os marcos desse gênero musical por meio da recontextualização de recortes musicais de outras épocas.

Essa atitude é perceptível na criação das MTGs, que além de rememorem as montagens (prática experimental de produção ativa desde os anos 2000), também criam uma nova proposta nostálgica, ao unir trechos de canções distintas sobre uma só batida, recombinao as composições com elementos contemporâneos.

Nesse processo, existe uma reflexão nostálgica sobre a longa história de um gênero musical que já é construído há mais de 50 anos, e muito além de lembrar esses marcos com uma nostalgia paralisante, esses “recriadores” do Funk presentificam parte da história de todo o movimento cultural em suas montagens, marcadamente contemporâneas.

¹⁰ Apesar de parecer um exagero, não compreender o lugar de importância de movimentos culturais como o Funk, ou a relevância social e política de artistas periféricos é a tentativa de um não despertar para a realidade, se apegando ao sonho dos grandes artistas virtuosos e inalcançáveis, que provavelmente nunca existiram de maneira tão distante aos artistas de hoje, sejam eles do Funk ou da MPB.

Para alguns produtores musicais que buscam se inserir no meio do Funk, as MTGs surgem como oportunidade de infiltração e a nostalgia aparece em suas produções como a tentativa de uma emulação fantasiosa do que seria um funkeiro, sem a ligação emocional e compreensão histórica dessa manifestação cultural. A evocação de canções antigas nos “remixes” (explorados aqui como antitéticos em relação às formas legítimas de montagem), parece, ao mesmo tempo, uma performance (que busca a dita infiltração no gênero) e uma falsa lembrança, como alguém que tenta formar uma memória de algo que não viveu, combinando elementos que buscam uma desnecessária tentativa de valorização do gênero¹¹.

A possibilidade de ascensão econômica para aqueles que antes não podiam reivindicar seu lugar no dito “mainstream”, trouxe consigo maior visibilidade a diversas questões que antes eram socialmente jogadas de volta para as margens. Parte da sociedade brasileira tentava manter-se submersa na fantasia, ignorando o mundo atroz retratado por alguns compositores.

Cada vez mais, movimentos como o Funk escancaram a realidade, estourando a bolha e deixando cair o véu que antes distorcia o mundo em volta. Apesar do véu da nostalgia e da tendência em se manter submerso, o Funk dá hoje as boas-vindas à realidade.

REFERÊNCIAS

- BARBOSA, André Antônio. A potência estética da nostalgia. Revista Serrote. São Paulo; Rio de Janeiro: IMS, 2014.
- BERGAMO, Mônica. “A música brasileira está uma merda”, diz Milton Nascimento. Brasil, 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/colunas/monicabergamo/2019/09/a-musica-brasileira-esta-uma-merda-diz-milton-nascimento.shtml>. Acessado em: 25 de agosto de 2024.
- BRÊDA, Lucas. O que é MTG, termo que aparece nas músicas mais tocadas do Brasil. Brasil, 2024. Disponível em: www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2024/06/o-que-e-mtg-sigla-que-acompanha-hits-entre-os-mais-tocados-do-brasil.shtml. Acessado em: 10 de agosto de 2024.
- BRONZE, Giovanna. MTG: saiba o que é a tendência do funk que viraliza nas redes sociais. Brasil, 2024, Disponível em: www.cnnbrasil.com.br/entretenimento/mtg-saiba-o-que-e-a-tendencia-do-funk-que-viraliza-nas-redes-sociais/. Acessado em: 10 de Agosto de 2024
- PEREIRA DE SÁ, Simone. Música Pop-Periférica Brasileira: Videoclipes, Performances e Tretas na cultura digital. 1ed. Curitiba: Appris, 2021.

¹¹ A partir da perspectiva de Pereira de Sá, podemos ver a inserção de trechos de composições de MPB nessas músicas de Funk como tentativa de descaracterizar a longa história de resistência cultural do movimento artístico, ao buscar aproximar ele da “linha evolutiva da MPB” (2021), obtendo sucesso comercial no processo.